

A confusão geral

Oswaldo Peralva

A confusão é geral.

A frase de Machado de Assis, um autor ainda muito estimado, mas sem dúvida pouco lido em nossos dias de predomínio das novelas de TV, permanece na ordem do dia.

Certo que há clareza meridiana em torno de algumas questões sombrias, como o processo inflacionário, por todos maldito, e em cujas promessas de redução, pelo método do feijão-com-arroz, ninguém mais acredita — nem a dona-de-casa, nem o dono do armazém, nem o Ministro da Fazenda, nem o Presidente da República, com quem ele despacha.

A solução é o pacto social, afirma-se. O líder dos metalúrgicos de São Paulo confraterniza com o representante dos patrões paulistas, o Presidente da Federação das Indústrias. Líderes políticos se dispõem a apoiar o pacto, dando sua contribuição, acima dos partidos e

acima dos interesses eleitorais imediatos, para atenuar a crise. Mas, de repente, anuncia-se que no bojo da proposta cívica para evitar a inflação, existe uma negociata embutida — a da conversão de partes da dívida externa.

A taxa de credibilidade de nossos homens públicos não é, na atualidade, para usarmos uma linguagem comedida, muito alta. As suspeitas de trambiques, de negociatas, dos mais sabidos querendo passar os outros para trás, tudo isso cria um clima negativo para a conclusão de qualquer pacto a ser levado a sério.

Os meios oficiais continuam alegando, como ponto positivo, os excelentes saldos comerciais de junho e julho, cada qual bem próximo de dois bilhões de dólares, fazendo prever um superávit no fim do ano de 16 bilhões de dólares. Acontece que somente para o paga-

mento de juros da dívida externa teremos de desembolsar, em total no período, 10,2 bilhões de dólares. Em outras palavras, fazemos um tremendo esforço de exportação para pagar juros aos banqueiros estrangeiros.

Ao mesmo tempo, temos de ampliar a base monetária — como dizem os técnicos, em sua confusa linguagem —, ou seja, temos de emitir mais papel-moeda para pagar aos exportadores o valor das mercadorias exportadas, engrossando assim o processo inflacionário.

Conclusão: em alguns casos, o que se apresenta como positivo, vai ver que é negativo.

Para toldar ainda mais a situação, vem o IBGE e afirma que, depois do Plano Cruzado e apesar de seu fracasso, prosseguiu uma melhora na distribuição da renda. Donde se conclui que o correto é acreditar nas estatísticas, e não no que os olhos vêem.